APRESENTAÇÃO ONLINE - I - PRÁTICAS PSICOLÓGICAS

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO, FENOMENOLOGIA E GÊNERO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Vinícius Aparecido Inácio (viniciusaparecidoinacio@gmail.com)

Tatiana Benevides Magalhães Braga (tatiana.braga@ufu.br)

Nara Cristina Moreira Almeida (naramcalmeida@gmail.com)

Introdução: O sistema de proteção à infância no Brasil carrega é herdeiro de projetos eugenistas e higienistas, concebendo a família como lócus de reforma social e estabelecendo um aparato médico-jurídico-assistencial voltado à vigilância de famílias pobres. Nesse contexto, o Estado assume por vezes a função de vigilância sobre a família pobre, frequentemente resultando na culpabilização das mulheres por falhas na gestão do cuidado. Objetivo: Relatar uma experiência de acompanhamento terapêutico (AT) a partir da perspectiva fenomenológica e dos estudos de gênero e raça. Desenvolvimento: Trata-se de acompanhamento terapêutico realizado em projeto de extensão universitária ocorrido entre março e novembro de 2025. Atua-se a partir da clínica ampliada voltada à compreensão de fenômenos subjetivos situados, que visam produção de autonomia e resgate de cidadania. Como fontes de dados, utilizam-se registros de atendimento e supervisões clínicas. A análise fenomenológica

estruturou-se em três eixos compreensivos: os processos de subjetivação da mulher negra; a dimensão psicodinâmica em sua relação com o mundo; e a construção de estratégias terapêuticas contextualizadas. Desenvolvimento: O estudo acompanha Esmeralda, mulher negra de 26 anos, mãe de cinco filhos, com história pregressa de sucessivas institucionalizações, abusos sexuais e violências. As intervenções incluíram orientações e organização de atendimento judicial, em saúde e assistência social, desenvolvimento de recursos financeiros, laborativos e profissionais. Identificou-se uma rede de assistência precarizada, com desencontro de informações e práticas de vigilância que desqualificam a paciente, dificultando sua reestruturação. No âmbito psicodinâmico, articulou-se a reatividade emocional e o sofrimento de Esmeralda à sua história de abandono e negligência, compreendendo sua condição enquanto indissociável do racismo e sexismo que definem o ser mulher no Brasil. Sua subjetividade constitui-se como um "corpo-negado", no qual a humilhação social, invisibilidade e desamparo frente às instituições atuam como angústia política. Considerações Finais: Interseccionalidades de gênero e raça operam como fatores de vulnerabilidade psicológica. A clínica deve, portanto, atuar como um "corpo testemunhado", operando a transição de um corpo-objeto para um corpo vivido e afirmando a sensorialidade e a afetabilidade como caminhos para a libertação do que aprisiona o sujeito em sua condição de marginalidade.

Palavras-chave: fenomenologia; acompanhamento terapêutico; racismo sistêmico; perspectiva de gênero; política de saúde.